

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Estado de São Paulo*

Class.: *X6C00011*

Data: *29.08.75*

Pg.: _____

Invasão é a tragédia maior dos xoklengues

ELAINE BORGES

Correspondente em
FLORIANÓPOLIS

A tragédia dos índios xoklengs de Santa Catarina vem de longa data, mas talvez o clima de tensão que eles vivem hoje seja um dos mais graves dos últimos tempos. A invasão da reserva indígena de Ibirama — distante 400 quilômetros da Capital — por madeireiros, trouxe graves consequências a cerca de 600 índios, entre xoklengs (a maioria), kaingang e guaranis, que moram no posto.

Em junho, instigados pelo próprio chefe do posto, na ocasião, Darwin Francisco Pinheiro, vários madeireiros da região invadiram a reserva e começaram a derrubar árvores. Os índios, entusiasmados com a possibilidade de ganhar dinheiro fácil e com a perspectiva de melhoria de vida, transformaram-se em intermediários entre os compradores da madeira e o chefe do posto. O preço estipulado era de 300 cruzeiros por metro cúbico. Na verdade, a tabela nunca foi cumprida. Muitos índios vendiam grandes quantidades de madeira em troca de um fogão a gás.

Para facilitar seu acesso à floresta, começaram a surgir várias estradas — feitas pelos próprios madeireiros — por onde começaram a passar os tratores e caminhões para a derrubada da madeira de lei. E o dinheiro começou a correr entre os índios. Crianças xoklengs, de repente, ganhavam bicicletas. Nas casas, surgiram

enceradeiras, geladeiras, fogões a gás. Alguns índios se limitavam apenas a juntar o dinheiro para um dia conseguirem sair da reserva e construir sua vida com certa independência.

Mas a derrubada das madeiras não foi muito longe. Denúncias chegaram à Funai, que imediatamente pediu intervenção da Polícia Federal. Ao todo, 17 madeireiros foram presos em flagrante, mas — segundo informações da Polícia Federal, em Florianópolis — 28 pessoas foram indiciadas. Os madeireiros presos permaneceram uma semana na Polícia Federal e depois foram soltos.

Segundo a Polícia Federal, foram abertos quatro inquéritos, três deles já encaminhados à Justiça Federal e o quarto em fase de complementação dos depoimentos. Os indiciados são: Moacir Pereira, Alcides Marcelino, Altair Sabel, Alvací Pereira, Cesário Pocini, Geraldino Jose Schuster, Germano Strassmann, Ivo Borth, José Afonso Batista, Jose Horstmann, Kurt Lingner, Lirio Jose Lunelli, Manuel Paulo Ventura, Pedro Resgarolli, Ralf Kopsel, Rodolfo Marsch e Valdomiro Tomaz Pereira.

No dia da prisão dos madeireiros, 20 caminhões estavam na reserva, juntamente com 17 tratores e 24 moto-serras. Não se sabe ao certo quanta madeira foi extraída da reserva indígena de Ibirama, mas calcula-se que, dos 144 milhões de metros quadrados da reserva, 20 por cento já estão completamente desmatados.

Embora a presença de madeireiros na reserva indígena de Ibirama não seja novidade,

esta foi a que deflagrou maior clima de tensão no posto. No ano passado, Manuel Marchetti, madeireiro de Ibirama, começou a responder processo por ter explorado madeira naquele local. Segundo o inquerito, que está na Justiça Federal, em Florianópolis, Marchetti derrubou 9.425 árvores, entre canela, peroba e cedro, numa série de quatro derrubadas.

Entre os anos de 1950 e 1960, a invasão da reserva dos xoklengs ocorria por outro motivo: a derrubada de palmitos. Os índios foram ludibriados da mesma maneira ao vender palmitos pela metade do preço do mercado e, por algum tempo, viveram com certa garantia financeira. Hoje já não existe palmito na reserva. E o dinheiro também acabou.

Logo após a prisão dos madeireiros, foram destacados 12 soldados da Polícia Militar do Estado para controlar a invasão de pessoas estranhas à reserva. Foi então que os atritos aumentaram perigosamente. Dirigidos por um sargento, os soldados viveram hoje em constante briga com os índios.

Há três semanas, aconteceu o que muitos já previam: um soldado, tentando apartar uma briga na localidade de Denik, ao lado da reserva, deu um tiro num índio. Para tentar solucionar o impasse, a Funai mandou para Ibirama, no mês de julho, um major interventor, vindo do Norte do País. Vinha com carta branca para resolver o problema dos índios de Ibirama. Segundo informações, o interventor ficou uma semana no posto e foi embora sem atingir seus objetivos.

Plano de reorganização falha

Naquela ocasião, uma equipe de antropólogos do Museu de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina elaborou um programa de cinco pontos para a imediata reorganização da população xokleng de Ibirama. Sem isso, o antropólogo Sílvio Coelho dos Santos achava difícil partir para o Projeto de Desenvolvimento das Comunidades Indígenas da Região Sul, a ser desenvolvido em convenio com a Superintendência de Desenvolvimento da Região Sul — Sudesul e pela Funai, tendo como executor a Universidade.

Os cinco pontos básicos foram entregues ao interventor enviado pela Funai e resumem-se no seguinte:

- 1) Criar um conselho indígena destinado a discutir e apresentar as reivindicações do grupo tribal;
- 2) Reanimar as atividades de agricultura e simultaneamente, controlar a exploração de terras novas (florestas), levando ao grupo o usufruto de um trator;
- 3) Financiar os indígenas em seus projetos de roças com sementes e recursos financeiros;

4) Criar na área indígena algumas roças de demonstração, com uso de técnicas modernas, utilizando a oportunidade para treino de jovens agricultores indígenas;

5) Iniciar o trabalho científico da Universidade junto ao grupo tribal, procurando-se assim a fixação de um modelo de desenvolvimento compatível com os interesses da comunidade. Em paralelo, e decorrente ao trabalho da Universidade, iniciar junto à sociedade envolvente a recuperação da imagem indígena, bem como da Funai.

Na verdade, nada disso foi feito. Hoje a situação dos indígenas de Ibirama é a pior possível. Há apenas a esperança de que o Projeto de Desenvolvimento das Comunidades Indígenas da Região Sul (que deverá englobar indígenas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) entre logo em funcionamento. Por enquanto, o projeto existe e apenas no papel. Ontem, o representante da Sudesul em Santa Catarina, professor Paulo Lago, estava em Porto Alegre para

saber mais detalhes sobre o início da sua aplicação.

Atualmente, a situação dos indígenas de Ibirama "é de penúria econômica e de desorganização sócio-cultural. Submissos, sem possibilidades de se conscientizar sobre a realidade que os envolve e sem perspectivas para o futuro, os integrantes dos vários núcleos tribais encontram-se marginalizados da sociedade regional e, internamente, permanecem em estado de apatia coletiva". A afirmação consta num relatório dos antropólogos catarinenses sobre os xoklengs de Ibirama.

Além disso, segundo os antropólogos, "integrantes da sociedade regional aproximam-se dos indígenas objetivando o seu uso como mão-de-obra, ou pretendendo a exploração do patrimônio natural das reservas. Ampliam-se assim os quadros de dominação e espoliação, o que torna fundamental um experimento que objetive a reorganização da comunidade indígena, partindo da valorização do índio como pessoa humana, integrante do panorama sócio-cultural multifacetado que caracteriza o País".